

Lógica e Teologia: exemplos de discórdia concordante (Parte 1)

Por Mizael P. de Souza¹

“*Quid ergo Athenis et Hierosolymis?*”

(Tertuliano, in *As prescrições* 7, 8)

“O que tem a ver Atenas com Jerusalém?” Assim poderíamos traduzir essa famosa frase apologista cristão africano Tertuliano (150/60 - ?). É uma declaração sintomática e que fez e continua fazendo escola durante toda a história do pensamento cristão até os dias de hoje. Mas, para entender o seu exato alcance devemos situá-la dentro de seu contexto para, a partir dele colocarmos outra questão: o que ela tem a ver com o título do presente artigo? Fazendo um jogo de palavras, com o perdão de Tertuliano, podemos perguntar: “o que ela tem a ver com lógica e teologia?”.

Certamente nessa passagem Tertuliano está usando uma alegoria, pois os termos Atenas e Jerusalém mesmo se referindo a locais precisos apontam para outra realidade que estas duas cidades representam, Atenas é o berço do pensamento filosófico, enquanto Jerusalém a “manjedoura” da revelação judaico-cristã, desde o Melquisedec de Gn 14.18 até o evento central do cristianismo: a crucificação e a ressurreição de Cristo. Tertuliano era um grande retórico e orador, tem predileção pelo uso das figuras, imagens, jogos de palavras, enfim, recursos do estilo, dessa forma poderíamos simplesmente entender a frase como: “O que tem a ver a filosofia com a revelação?”²

¹ Bacharel em teologia pela EST-UPM e filosofia pela FFLCH-USP e mestrando em filosofia pela mesma instituição. É pesquisador do CNPq trabalhando com filosofia patrística, medieval e tradução de textos latinos. É professor na FAESP de lógica, filosofia, sociologia, teologia contemporânea e língua grega. Para consultar o curriculum lattes ver <http://lattes.cnpq.br/5232992610410299>.

² O uso o termo “revelação” e não “teologia” é intencional de minha parte, pois eles possuem valências teóricas distintas e não são de maneira nenhuma sinônimos, pois a maioria dos pais da Igreja e pensadores cristãos usavam tais termos em suas acepções específicas, por exemplo, entre os pais da Igreja o uso do termo teologia é mais raro, principalmente nos ocidentais, já que era usado por filósofos pagãos, no sentido de ciência de Deus e pretensão de um saber absoluto sobre o divino que sempre foi visto com restrições pelos cristãos. Excetuando alguns pensadores orientais, no ocidente o termo aparece em Agostinho apenas em *De ciu. Dei* VI, vi, 1 – vii, 1; VIII, i, 1 e dentro da polêmica com os filósofos com Abelardo no século XII, com o adjetivo cristã, assim ficando como *teologia christiana*, numa tentativa de compreender racionalmente o dogma cristão, o que na época foi considerado errôneo custando várias condenações a Abelardo. Já em Tomás de Aquino ele tem o sentido de ciência aristotélica. Por fim, mesmo sendo a concepção tomista suplantada menos de um século depois, o termo continuou sendo usado, em outros sentidos e, talvez mais pelo hábito do que por um significado unívoco (ou seja, único). Para mais informações sobre este problema ver: CHENU, M.-D. *La théologie comme science au XIIIe*

Ora, a pergunta retórica já parece pressupor uma negativa. Em outro trecho, novamente encontramos-lo a alçar indagações nesse mesmo sentido:

“O que tem em comum o filósofo e o cristão, os discípulos da Grécia e os do céu, aqueles que se atarefam pela glória e os que fazem pela vida, os que agem com as palavras e os que agem com os fatos, quem destrói e quem edifica, quem falsifica e quem restabelece a verdade, quem dela se apropria e quem a guarda?” (*Apologético* 46,18).

A resposta em ambos os textos parece ser: nada, ou pelo menos muito pouco, pois ambas as realidades parecem se chocar. Entretanto, se observarmos bem os textos, a ênfase de Tertuliano parece ser na contraposição das atitudes do que uma contraposição entre a filosofia como o uso da razão mesma. Para Moreschini (2008, p.193), grande estudioso do pensamento patrístico e especialista em Tertuliano, ele (Tertuliano) “condenou a atividade mesma de filosofar, porquanto ela está fundamentalmente viciada pelo fato de querer chegar à verdade prescindindo da revelação”, ou seja, não parece ser o uso da razão que está em cheque, mas sim a filosofia pagã, que, como tal, buscava alcançar o conhecimento da verdade, de Deus somente com as suas próprias forças.

Ainda deve se entender que a postura de Tertuliano reflete o clima de polêmica contra a religiosidade pagã que na época se defrontava de forma direta com o cristianismo e era uma ameaça para a fé, mas mesmo assim, ele não pôde negar a evidência de que talvez haja acordo entre o que diz a filosofia e o que ensina o evangelho, entretanto, “essa condenação da filosofia é devida provavelmente ao fato de que ele viu que a filosofia foi uma aliada do politeísmo” (Ibid, p. 194), ou seja, a prática politeísta e pagã que na época era associada à filosofia é que é condenada.

No começo do artigo falei que esta declaração de Tertuliano fez escola, com isso quis dizer que ele é o símbolo daquela atitude hostil que muitos cristãos, inclusive teólogos, nutriram em relação à filosofia. Um exemplo desses, além do de Tertuliano e que queríamos enfatizar, é encontrado no século XI da Idade Média Latina na polêmica

envolvendo a questão da onipotência de Deus e a controvérsia eucarística. Em outro momento falaremos destas questões, por hora, apenas mostraremos como um monge que tratou do primeiro de nossos problemas, o da *omnipotentia Dei*, também defendia a inferioridade da dialética e inutilidade da filosofia pura, mas o interessante nessa questão é ver como pensadores cristãos contrários ao uso da argumentação racional e dialética em relação aos dogmas da fé usaram dessa mesma argumentação dialética para defenderem a sua atitude contrária à dialética e à filosofia. Nessa primeira parte veremos como Pedro Damiano fez isso.

Pedro Damiano nasceu em Ravena (1007), foi Prior de Fonte Avellana (1043), cardeal-bispo de Óstia (1057) e morreu em 1072. É o típico representante dos antidialéticos, ou seja, daqueles que negavam um papel fundamental à dialética (a nossa lógica nos dias atuais) na fundamentação da inteligência da fé, ou seja, na compreensão dos dogmas cristãos. Entretanto, como falei acima, o mais interessante nisso tudo é que, apesar de sua recusa da dialética, dela ela faz amplo uso para poder justamente argumentar a favor do papel subordinado à teologia que ela deve desempenhar.

Boehner e Gilson (2012, p.251) afirmam que,

“Pedro Damiano rejeita incondicionalmente toda espécie de filosofia pura [...] Questiona-se, pois, se a filosofia oferece qualquer utilidade ao monge. A resposta [...] é radicalmente negativa. Os deveres do cristão se resumem na obrigação de salvar sua alma; fora disso nada realmente importa. Se há, pois, uma sabedoria e uma verdade, esta só pode conter-se na doutrina que nos assegura a salvação eterna. Ora, tal doutrina se encontra nas Sagradas Escrituras; logo, devemos contentar-nos com estas. Se a salvação do mundo dependesse da filosofia, Deus teria confiado essa tarefa aos filósofos, e não a um grupo de ingênuos pescadores”.

Se olharmos com bastante atenção, e com o olhar do lógico, encontraremos nessa simples argumentação um silogismo tipicamente formal, mas antes de expormos ele vamos desmembrar algumas afirmações acima em sentenças separadas:

Os deveres dos cristãos se resumem na obrigação de salvar a sua alma.

Além da salvação da alma nada realmente importa.

Se há uma sabedoria e uma verdade só pode está contida na doutrina que assegura a salvação eterna.

A doutrina da salvação eterna se encontra nas Escrituras Sagradas

Devemos nos contentar com as Sagradas Escrituras

Se a salvação do mundo dependesse da filosofia, Deus teria confiado essa tarefa aos filósofos e não a um grupo de ingênuos pescadores.

Uma das primeiras e principais afirmações da lógica consiste em estabelecer a distinção entre verdade e validade, sendo que, a verdade depende da epistemologia a ser adotada e a validade consiste apenas na forma lógica correta ou incorreta, ou seja, o processo de raciocínio de um argumento válido ou inválido. Sobre isso Mary Haight faz a seguinte analogia:

“A forma de um argumento válido é como uma salsicheira confiável: se puser carne boa nele, você conseguirá salsicha boa; se você puser a verdade, conseguirá a verdade” (2003, p.15).

A forma de um argumento formal válido em geral consiste de premissas e uma conclusão, sendo que, as premissas são como dados de entrada, ou seja, as razões apresentadas para aquilo que se tenta provar, e a conclusão são os dados de saída. A conclusão é a consequência das premissas. No caso da argumentação de Pedro Damiano reconstruída por Bohener e Gilson podemos reorganizar ao menos dois argumentos de tipos diferentes a partir das informações que destacamos acima:

Premissas:

1. Se há uma sabedoria e uma verdade só pode está contida na doutrina que assegura a salvação eterna.
2. Além da salvação da alma nada realmente importa.
3. Os deveres dos cristãos se resumem na obrigação de salvar a sua alma.
4. A doutrina da salvação eterna se encontra nas Escrituras Sagradas.

Conclusão:

Devemos nos contentar com as Sagradas Escrituras.

Dentro desse quadro podemos destacar 1 e 4 como premissas principais do argumento, que ficaria assim:

1. Se há uma sabedoria e uma verdade só pode está contida na doutrina que assegura a salvação eterna.
4. A doutrina da salvação eterna se encontra nas Escrituras Sagradas.
Logo (conclusão), devemos nos contentar com as Sagradas Escrituras.

Pouco importa para a lógica se é verdadeiro que a sabedoria e a verdade estão contidas na doutrina que assegura a salvação eterna ou se além a doutrina da salvação eterna se encontra nas Escrituras Sagradas, mas importa que, se se tomando elas como verdadeiras, elas oferecem fundamentação para a afirmação da conclusão de que devemos nos contentar com as Sagradas Escrituras. No caso das afirmações de 2 e 3 elas de fato poderiam formar um argumento particular que teria como função fornecer mais força para as premissas principais 1 e 4. Gostaríamos de coloca-las (as afirmações 2 e 4) no *modus ponens* “Se p então q”:

“Se além da salvação da alma nada realmente importa **(p) então**, os deveres dos cristãos se resumem na obrigação de salvar a sua alma **(q)**”.

Outra forma de argumento válido que segue o *modus ponens* consiste na segunda afirmação principal:

“Se a salvação do mundo dependesse da filosofia **(p) então**, Deus teria confiado essa tarefa aos filósofos e não a um grupo de ingênuos pescadores **(q)**”.

Ora, esses exemplos poderiam ser perfeitos senão pelo fato de que o argumento:

1. Se há uma sabedoria e uma verdade só pode está contida na doutrina que assegura a salvação eterna.
4. A doutrina da salvação eterna se encontra nas Escrituras Sagradas.
Logo (conclusão), devemos nos contentar com as Sagradas Escrituras.

É *inválido!* Mas onde estaria o erro? A resposta é no seu caráter particular, ou seja, para que a conclusão fosse válida, a afirmação de 4 tinha que ser absoluta ou seja, teríamos que colocar o termo “somente”, assim: “A doutrina da salvação eterna se encontra *somente* nas Escrituras Sagradas”, ora, se isso é verdadeiro, teria que, necessariamente ser verdadeiro que devemos nos voltar apenas para as Sagradas Escrituras se “queremos” ser salvos, isso porquê, se não dissermos que a salvação eterna se encontra somente nas Escrituras Sagradas eu posso afirmar que a salvação pode se encontrar em outros meios que não a elas (as Sagradas Escrituras), por exemplo, os ensinamentos dos filósofos. Observemos que inseri propositalmente o termo “querer” que Pedro Damiano não usou, ou seja, para que de fato o argumento fosse logicamente perfeito tinha que abarcar todas as possibilidades, e, neste caso, a vontade de ser salvo. Mas concedamos a Pedro Damiano o fato de que ele está falando para um público quase em sua totalidade cristão e que estava interessado na salvação de sua alma, o que, mesmo assim, invalida sua argumentação tecnicamente.

Considerações Finais:

Talvez esse pequeno e básico artigo tenha sido demais pueril para alguns ou ininteligível para outros, talvez tenha pecado no estilo, o que penso que pode ser perdoado em se tratando de lógica, assim espero. Mas o que podemos trazer a tona nessas considerações finais é o fato de que existiu e ainda existe uma atitude de ambiguidade, por parte de alguns cristãos, em relação à filosofia ou à lógica, já que, para se opor, às duas ou à uma delas, parece que se faz uso da mesma lógica, assim o foi com Pedro Damiano e mesmo com Tertuliano. Ao que parece, mesmo que por diversas razões se possa fazer uma alerta no que tange ao uso abusivo ou à ênfase na lógica e/ou na filosofia, não podemos prescindir dela em teologia, ou seja, a teologia parece ser sempre ligada à lógica desde que surgiu como tal, isso por uma razão simples, a estrutura de pensamento humano parece estar submetida às suas leis.

Pedro Damiano certamente pode ter cometido erros silogísticos, todos nós cometemos, ou pelo menos a grande maioria, ele não deve ser condenado por isso severamente já que não pretendia ser um dialético e nem filósofo, entretanto, poderíamos dizer que nem mesmo ele, um antidialético, como ficou conhecido para a posteridade, pôde prescindir da lógica, o que pode nos alertar para sermos prudentes

numa condenação rápida da filosofia ou da lógica por causa da fé, que, em última instância, deve ser acompanhada de razões (1 Pe 3.15).

BIBLIOGRAFIA

- AURELIUS AUGUSTINUS. *A cidade de Deus: contra os pagãos*. Vol. I. Tradução Oscar Paes Leme. 11^a. edição. Petrópolis: Vozes, 2009. 414 p. (Pensamento Humano).
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã*. 13^a. ed. Tradução e nota introdutória Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2012. 592 p.
- CHENU, M.-D. *La théologie comme science au XIIIe siècle*. Paris: J. Vrin, 1943.
- _____. *La thèologie au douzième siècle*. Paris: J. Vrin, 2006 .
- HAIGHT, Mary. *A Serpente e a raposa: uma introdução à lógica*. tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2003. 483 p.
- LIBERA, Alain (de). *A filosofia medieval*. 3^a. ed. Tradução Nicolás Nyimi Campanário e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Loyola, 2011. 527 p.
- MORESCHINI, Claudio. *História da filosofia patrística*. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2004. 779 p.
- TROTTMANN, Christian. *Théologie et noétique au XIIIe siècle: à la rechercher d'un statut*. Paris: J. Vrin, 1999. 224 p.